



cadernos **IHU** idéias

O vampirismo no mundo contemporâneo:

Algumas considerações

Marcelo Pizarro Noronha

ano 3 - nº 33 - 2005 - 1679-0316



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Diretora Adjunta

Hiliana Reis

Gerente Administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU Idéias

Ano 3 – Nº 33 – 2005

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho editorial

Berenice Corsetti

Dárnis Corbellini

Fernando Jacques Althoff

Laurício Neumann

Rosa Maria Serra Bavaresco

Stela Nazareth Meneghel

Suzana Kilp

Vera Regina Schmitz

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Revisão – Língua Portuguesa

Mardilê Friedrich Fabre

Revisão digital

Rejane Machado da Silva de Bastos

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

www.ihu.unisinos.br

O VAMPIRISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Marcelo Pizarro Noronha

Introdução

A reflexão a ser apresentada é fruto, em larga escala, do processo de elaboração da minha dissertação de Mestrado. Inicialmente preocupado em discutir as possibilidades do uso de vídeos como recurso didático em diferentes ambientes ou níveis escolares, ingressei no curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS). Durante esta formação, entrei em contato com o trabalho do educador espanhol Joan Ferrés, o qual tornou-se importante referência conceitual da minha pesquisa. Com o intuito de desenvolver o que Ferrés intitulou de “videoprocesso”¹, atuei no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS), durante algumas semanas, organizando uma série de filmagens realizadas por um grupo de alunos da referida instituição de ensino, sob orientação de duas professoras.

Os estudantes, após um simplificado processo eleitoral, elegeram a temática a ser filmada e sobre a qual escreveriam um roteiro: vampiro. Antes de iniciarmos as filmagens, foi realizada uma breve pesquisa sobre os chamados “mortos-vivos”, a partir de consultas à internet, a livros e a outras fontes de fácil acesso aos estudantes. Em meio a este processo, envolvi-me com a temática “vampiro”, a ponto de torná-la quase que o próprio objeto de estudo da dissertação.

Estabeleci um novo contato com a temática “vampiro” em meio a uma participação, como professor ministrante, no curso *Deuses, anjos, demônios e monstros: cinema e ciências humanas*, o qual foi realizado entre os meses de maio e junho de 2001, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em conjunto com outros dois professores. Durante este processo, apresentei, em termos, a experiência desenvolvida no curso de Mes-

1 De acordo com Ferrés (1996, p.22-3), “falar de videoprocesso equivale a falar de participação (...) É uma modalidade na qual os alunos se sentem protagonistas. O vídeo nas mãos do próprio aluno”.

trado, bem como organizei uma modesta exposição de objetos referentes aos vampiros, como livros, revistas em quadrinhos, CDs, máscaras e jogos, por exemplo.

Retomei à discussão sobre os “mortos-vivos”, quando da construção de um artigo intitulado “Entre a vida e a morte: o amor no universo dos vampiros”, o qual foi publicado pela editora do Centro Universitário FEEVALE (2002), em meio a outros textos produzidos por professores desta instituição. Na ocasião, abordamos, de forma coletiva, a temática do amor. Cada autor envolvido escreveu um texto pensando o amor como objeto de estudo. Priorizei, quando desta construção, uma visão ligada à questão do desejo sexual. Seria o vampiro uma figura dominadora – hipnotizadora – ou sedutora?

Por fim, produzi, no primeiro semestre de 2004, um pequeno texto intitulado *O vampirismo no mundo contemporâneo: aspectos ritualísticos e mágicos*, por conta de um estágio curricular obrigatório do curso de bacharelado em Ciências Sociais da UNISINOS, o qual foi realizado no programa *Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo* (GDIREC), vinculado à referida instituição. Neste material, analisei, de forma breve, um documentário exibido na televisão a cabo brasileira sobre a história (real) de um grupo de jovens norte-americanos que acreditaram ser vampiros, em meados dos anos 90 do século passado. Os rituais, os conflitos e as crenças, bem como as conseqüências deste curioso processo foram contempladas no texto.

A seguir, apresentarei alguns dos resultados obtidos, na pesquisa, sobre os vampiros.

Drácula talvez seja o vampiro mais famoso do mundo, porém, com certeza, não foi o primeiro. Muito antes dele já circulavam, em grande parte do planeta, mitos e lendas populares sobre monstros que bebem sangue. No século XIX, essas histórias começaram a difundir-se sob forma impressa, e, em 1897, Bram Stoker, finalmente, publicou seu romance Drácula. Texto de apresentação do livro Drácula, 1997, p.6, Companhia das Letrinhas.

Os vampiros: história e sentidos

A crença em vampiros é tida como universal, uma vez que é documentada em várias civilizações. De acordo com a cultura, o vampiro recebe um nome, como, por exemplo, *katakhanoso* ou *baital*, em sânscrito antigo; *upiry*, em russo; *upiory*, em polonês; *vrykolakes*, *brykilakas*, *barbarlakos*, *borborlakos* ou *bourdoulakos*, em grego; *blutsäuger*, em alemão e outros. De acordo com Aidar e Maciel (1986), mais importante do que identificar as origens do termo “vampiro” é reconhecer seus diversos significados. Para os autores (1986, p.8), “falar de vampiro é falar de morte”. Olivier e Venâncio (1998, p.7), por sua vez, afirmam ser o

vampiro alguém que “não apenas não se vê no espelho, como não suporta a visão do outro, desse estranho, desse que é diferente, tenta torná-lo um igual, um seguidor, um morto-vivo”. Del Priore (2000, p.124), historiadora brasileira, observa que a construção – imaginária – da figura do vampiro ocorre em função de que “(...) os homens, todos eles, obrigam-se a construir mentalmente algo que lhes dê medo”. Ou desejo. Aidar e Maciel (1986, p.63), numa tentativa de relacionar vampirismo e sexualidade, observam que “a criança passa por uma fase em que sugar é sua maneira de se relacionar com o mundo. Se houver perturbações por excesso ou escassez de prazer nessa fase inicial da vida em que predomina a oralidade, pode manifestar-se, mais tarde, uma preponderância dos desejos orais”. Nesse sentido, a ação da mordida do vampiro pode ser considerada um ato sexual, uma tentativa de resolver conflitos com o corpo.

Ampliando esta discussão, Melton (1995, p.704) afirma que “a natureza sexual do vampirismo se manifesta inicialmente em Drácula, quando Jonathan Harker se encontra com as três noivas de vampiro que moravam no Castelo de Drácula”. A seguir, abordarei esse misterioso personagem.

Meu amigo: seja bem-vindo ao país dos carpatianos. Espero-o com a maior ansiedade. Desejo-lhe um sono bem reparador para esta noite. Amanhã, às três horas, partirá a diligência com destino a Bukovina. Nela há uma vaga reservada para a sua viagem. No Passo Borgo, minha viatura estará à sua espera e o trará à minha presença. Meus votos são de que sua viagem, a partir de Londres, tenha transcorrido a seu gosto e que sua permanência em meu belo país lhe dê muito prazer.

Seu amigo

Drácula

(Do Diário de Jonathan Harker – parte integrante de *Drácula*, de Bram Stoker, 1997, p.9)

Drácula, de Bram Stoker

O livro mais famoso sobre vampiros, *Drácula*, no qual se baseiam muitos filmes, foi publicado em 1897 pelo escritor Abraham ‘Bram’ Stoker (1847-1912). Nascido na Irlanda, Stoker sofreu, durante a infância, algumas doenças tidas como estranhas para a época, o que lhe custou um período de confinamento para tratamento de saúde. Ingressou na escola, aos dezesseis anos, recebendo, antes disso, educação em casa com um reverendo chamado William Woods. Da relação com sua mãe, acredita-se, surgiu o interesse do escritor pelas fantasias vampíricas. Segundo McNally e Florescu (1995, p.143), “ela contava ao jovem Bram não apenas histórias irlandesas de fadas, mas também algumas histórias de horror”. Stoker, ao que parece, se valeu de algumas destas histórias, como, por exemplo, uma sobre

uma epidemia de cólera ocorrida na Irlanda, em 1832, para desenvolver Drácula. O vampiro de Stoker, entre vários poderes, tem o de disseminar epidemias, uma vez que controla animais tidos como inferiores, entre os quais os ratos, transmissores da peste bubônica.

Stoker estrutura seu livro como diários, mas nenhum deles é escrito por Drácula. Esta disposição nos leva a entender que existem vários dráculas – um para cada personagem –, o que provoca sentidos diversificados sobre o conde-vampiro. Para McNally e Florescu (1995, p.157), o vampiro de Stoker pode ser interpretado “como uma inversão maligna de Jesus Cristo”, uma vez que o conde oferece vida eterna a quem beber seu sangue. De acordo com Melton (1995, p.159), foi Stoker quem retomou o cristianismo nas histórias de vampiro. Segundo o autor, em referência ao romance do escritor irlandês, “(...) quando Jonathan Harker se encaminhava para o Castelo de Drácula, uma mulher tirou e lhe entregou um rosário com um crucifixo (...) Abraham Van Helsing, o pior caçador de vampiros da Holanda, explicou que o crucifixo era um dos vários objetos sagrados cuja presença privava o vampiro de seus poderes”. Estanislau (2001, p.55) observa que “a comunhão pelo sangue manifesta-se nos ritos religiosos católicos”. Para o referido autor, ainda existem outras expressões religiosas que operam com simbologia do sangue, como, por exemplo, o Candomblé. De acordo com Estanislau (2001, p.55), “no Candomblé (...) os elementos portadores do axé agrupam-se em três categorias: sangue vermelho (...), sangue branco (...) e sangue preto”. A presença do sangue em inúmeros rituais religiosos pode confirmar, em princípio, o caráter universal desta simbologia.

Por meio da ficção, Stoker resgatou o chamado Drácula histórico, pois era de seu conhecimento a existência do príncipe Vlad (Drácula), governador da Valáquia por três reinados: em 1448, entre 1456 e 1462 e em 1476. Por conta das constantes punições sanguinárias impostas aos inimigos, Drácula passou a ser considerado um vampiro. McNally e Florescu (1995, p.95) apresentam um trecho do legado papal em Buda, dirigido ao papa Pio II, o qual diz respeito a um massacre humano promovido por Drácula: “ele assassinou alguns, esmagando-os sob as rodas das carroças (...) finalmente, matou outros de maneiras ferozes, torturando-os com muitos tipos de instrumentos, como só as mais atroz crueldades do mais terrível dos tiranos poderiam igualar”. Drácula, desta forma, tornou-se, já em sua época, um mito². Segundo Macedo (1991, p.21), “nos mitos se apresentam formulações tradicionais de antiguidade quase sempre difícil de

2 De acordo com Miguel (1990, p.185), os mitos “(...) têm como ponto de intersecção, entre o estado primordial da realidade e sua transformação última, o homem, dentro do ciclo permanente nascimento/morte”.

estimar”. Nesse sentido, vale lembrar o esforço de Bram Stoker em resgatar a história não apenas de uma personagem histórica (o príncipe Vlad), mas de uma vasta simbologia ligada aos vampiros, registrada, como se viu, desde a Idade Antiga, fator fundamental para a caracterização de Drácula.

Terminando a narrativa, disse o vampiro: ‘Dizei-me se os homens ou as mulheres é que são malvados. No caso de, sabendo-o, não falardes, vossa cabeça será feita em pedaços’. O rei, escutando o vampiro instalado em seu ombro: ‘Ó mestre de magia, são as mulheres as perversas. Pode ser que, em determinado lugar, em determinado momento, um homem se conduza mal, mas as mulheres o fazem normalmente em todos os lugares em todos os momentos’. Ouvindo isto, o vampiro desapareceu do ombro do rei que fez um novo esforço para ir procurá-lo. (Contos do Vampiro, 1986, p.25)

Os vampiros literários

Com menos expressão, mas com tanta qualidade quanto o romance de Stoker, a ponto de influenciá-lo, a obra *Carmilla*, escrita por Sheridan Le Fanu (1814-1873), foi publicada em 1872. Conforme Melton (1995, p.102), “Le Fanu entendia que um vampiro era um morto retornado, não um espírito demoníaco”. Somente se transformaria em vampiro alguém que tivesse cometido suicídio. O que chamou a atenção de Stoker nesta obra foi, segundo Melton (1995, p.102), “o fato de que o vampiro era capaz de se entrosar na sociedade sem ser notado”. Provém daí, em princípio, o caráter erótico dos vampiros, os quais, na maioria das vezes, seduzem suas vítimas, ao invés de forçá-las a se submeterem a eles. O vampirismo, dessa forma, pode ser compreendido com base no que Chevalier (1990) denomina de “dialética do perseguidor-perseguido”. Uma vez apaixonada – ou contaminada – por um vampiro, a vítima passa a ser contaminadora, transformando-se também numa “morta-viva”.

Antes de *Carmilla*, outras obras sobre vampiros foram publicadas. Em 1746, Dom Augustin Calmet (1672-1757), um acadêmico católico francês, publicou seus estudos sobre vampiros, tendo sido duramente criticado por seus colegas intelectuais, que o acusaram de místico. Anos mais tarde, em 1819, John Polidori (1795-1821) publicou *The vampyre*, inspirado num conto inacabado do escritor Lord Byron (1788-1824). Em 1847, foi a vez de o mundo conhecer o romance britânico *Varney, the vampyre: or, the feast of blood*, escrito por James Rymer (1804-1884).

Atualmente, a escritora que mais publica livros sobre vampiros chama-se Anne Rice (1941-). Da obra intitulada *Interview with the vampire (Entrevista com o vampiro)*, publicada em 1976, surgiu o filme homônimo (1994), estrelado por Tom Cruise, Brad

Pitt e Antonio Banderas. Fenômeno de vendas, Rice criou o vampiro Lestat de Lioncourt, o qual é considerado, por Melton (1995, p.654), um dos “(...) principais personagens que moldaram a imagem do vampiro contemporâneo”, ao lado, obviamente, do Drácula de Bram Stoker.

Os vampiros também foram publicados na forma de quadrinhos. Na década de 50 do século vinte, nos Estados Unidos, eles chegaram a ser censurados, por serem julgados imorais. Em meados da década de 60 do mesmo século, também nos Estados Unidos, ocorreu um movimento progressivo de retomada dos quadrinhos sobre vampiros. Foi nos anos 70, no entanto, que os “mortos-vivos” conquistaram o grande público, inclusive no Brasil. Publicadas pela Bloch Editores, “revistinhas”, como *A tumba de Drácula*, *Aventuras macabras* e *Histórias reais de Drácula*, por exemplo, fizeram muito sucesso entre os adolescentes, tendo sido comercializadas por quase duas décadas. Drácula chegou a enfrentar heróis como Bruce Ling (revista *Drácula*, 1982) e o Homem-Aranha (revista *Drácula versus Heróis Marvel*, 1995).

Batman, um dos heróis mais populares no mundo ocidental, no século XX, também é relacionado, de certa forma, com a figura do vampiro. Conforme Melton (1995, p.49), “a clara associação de Batman com o Drácula devia estar na mente de seus criadores, porque nos escassos quatro meses após sua aparição inicial, ele deu com um vampiro numa história de dois capítulos (...)”. Não é à toa que este herói é caracterizado como um homem-morcego. Ainda em se tratando de revistas em quadrinhos, é preciso mencionar que o pato Donald, personagem da Disney, lutou contra o Conde Patrúcula (*Almanaque Disney*, 1986), um pato-vampiro extremamente perigoso.

Conforme Melton (1995, p.460), “no decorrer dos anos 80, o índice de produção de literatura destinada ao público juvenil estava aumentando gradativamente”. Este crescimento foi confirmado na década seguinte. No Brasil, existem, atualmente, mais de 30 títulos sobre vampiros à disposição dos leitores, sejam esses de autoria de escritores nacionais ou estrangeiros. Uma rápida reflexão sobre algumas destas produções indica a presença, mais do que inferências de ordem estético-cinematográfica, dos mesmos conflitos que aparecem nas narrativas originais sobre vampiros³ Nos livros de Telles e Pereira (Coleção Draculinha), por exemplo, Draculinha, membro da família Morcegal, “unida pela mesma mordida”, sofre por não querer participar dos costumes vampirescos, preferindo jogar futebol a sair com sua irmã Dracunilda para morderem pescoços. Dráuzio (1984), outro vampiro criança, também vive um momento de de-

3 Ver *Contos do Vampiro* (1986).

sajuste familiar, expondo-se, inclusive, ao sol, contrariando, além das tradições, vampiros importantes como o conde Drácula, presente nesta obra.

O trabalho de Ângela Sommer-Bodenburg também merece ser considerado. A escritora alemã criou Rüdiger, um pequeno e simpático vampiro de “no mínimo 150 anos”, o qual acaba por fazer amizade com Anton, um garoto solitário e com a imaginação muito fértil.

Dois obras, ainda devem ser observadas. A primeira é *Drácula* (2003). O livro, cuja adaptação do clássico de Stoker foi realizada por Laura Bacellar, inclui um roteiro de trabalho pelo qual o leitor, em princípio um adolescente, pode questionar determinadas curiosidades ou fatos presentes na obra de Stoker. Existe, no roteiro mencionado, um diagrama por meio do qual podem-se encontrar nomes de cenários da história. *Drácula* (2004), adaptação de Anna Cláudia Ramos, inclui uma espécie de caderno de atividades, o qual proporciona ao leitor a possibilidade de desenhar alguns personagens da história de Stoker, além de recriar o final dela.

A revista *Recreio*, publicação da editora Abril destinada ao público infantil e infanto-juvenil, lançou, no mês de setembro último (2004), uma pequena coleção de bonecos (monstros), sendo o primeiro deles (da coleção) um vampiro que lembra – e muito – o conde Drácula representado nos filmes. A infantilização da figura do monstro ou sua familiarização será discutida posteriormente neste artigo.

Os vampiros são tema, também, de livros paradidáticos de História. É o caso da obra de Ivan Jaf: *O vampiro que descobriu o Brasil* (1999). Nesse livro, o autor discute a história do Brasil, de 1500 aos dias atuais, tendo dois vampiros como personagens centrais. Jaf polemiza ao sugerir que políticos como Getúlio Vargas, João Pessoa e Marco Maciel pudessem ser vampiros.

O cineasta Woody Allen também escreveu sobre vampiros. *Conde Drácula* (s.d) é um interessante conto que trata das trapalhadas de Drácula por conta de um eclipse (ele achou que já era noite e resolveu sair de seu túmulo atrás de sangue e aventura, mas quando se deu por conta estava na rua em pleno meio-dia!). Em se tratando de contos, é importante mencionar a publicação da obra organizada por Flávio Costa: “13 dos melhores contos de vampiros” (2002). Este trabalho reúne, entre histórias clássicas, um conto de Bram Stoker intitulado *O hóspede de Drácula*, o qual, de acordo com Costa (2002, p.148), “na realidade, é um capítulo que pertencia aos originais do *Drácula* original e que ficou de fora na edição final por razões de estrutura do romance”. Enfim, esta coletânea é uma obra fantástica que merece toda a consideração.

Os Role Playing Games (RPGs) são a nova forma de expressão sobre os vampiros. Muitos títulos estão à disposição no mer-

cado, inclusive em bancas de jornal. Em termos conceituais, pode-se dizer que o RPG é uma espécie de híbrido, pois reúne uma múltipla estrutura: jogo, narrativa, imagens (figuras) e outros elementos. Conforme informação extraída do RPG *Vampiro: a idade das trevas* (1998, p.24), importante referência do gênero, “não há vencedores individuais em *Vampiro: A Idade das Trevas*, já que o objetivo não é derrotar os outros jogadores (...) por ser um jogo de narrativa, não há como alguém se dizer vencedor”. Alguns RPGs já foram transformados em peças de teatro, por conta boa qualidade textual e da complexidade das tramas.

A obra *Dráuzio* (1984), anteriormente citada, de autoria da premiada escritora Lúcia Pimentel Góes, sofreu adaptações, de forma a ser transformada num texto para teatro. Em 1999, esteve em cartaz na Sala Álvaro Moreira, em Porto Alegre, uma montagem chamada *Dráuzio, um vampiro diferente*. Sucesso de público e de crítica, a peça, dirigida pela atriz Vanise Carneiro, foi apresentada, ainda, na 45ª Feira do Livro da capital gaúcha, no mesmo ano. Por conta do curso de Mestrado, acompanhei algumas das apresentações. As fotos que fiz do espetáculo foram incluídas nos Anexos da minha dissertação, intitulada *Brincando de cinema: um estudo sobre o videoprocessamento num contexto de ensino-aprendizagem* (2001). Estas imagens serviram, inclusive, como referência estética para os estudantes do Colégio de Aplicação, em especial, quando da montagem dos figurinos.

1992. *Drácula* (Bram Stoker's Dracula). Columbia Pictures/American Zoetrope/Osiris Films, Estados Unidos. Direção e produção de Francis Ford Coppola. Roteiro de Jim Hart e Francis Ford Coppola. Gary Oldman é o príncipe Vlad Drácula; Winona Ryder é Mina, que se apaixona perdidamente por ele. O ganhador do Oscar Anthony Hopkins é Van Helsing. Um trabalho visual vislumbrante; entre os melhores filmes de Drácula e de vampiros já feitos. Ganhou o Oscar de 1993 de som, figurino e maquiagem. (McNally e Florescu, 1995, p.299.)

Os vampiros cinematográficos e videográficos

O primeiro filme sobre vampiros de que se tem notícia é mudo, tem cerca de dois minutos de duração e data de 1896. McNally e Florescu (1995, p.263) o descrevem assim: “em uma cena um gigantesco morcego voando perto de um castelo medieval de repente se transforma em Mefistóles (...) um cavaleiro medieval chega com um crucifixo e em confronto com ele o diabo desaparece numa nuvem de fumaça”. Passados pouco mais de cem anos desta produção, os vampiros continuam sendo filmados, e Drácula é uma das personagens que mais vezes apareceu nas telas de cinema.

McNally e Florescu (1995, p.263) elaboraram uma extensa filmografia sobre vampiros, por meio da qual informam que “a

maior parte dos primeiros filmes mudos sobre vampiros era sobre ‘vamps’ – mulheres sedutoras que encantavam ou cativavam homens”. A produção deste gênero filmico começou a ser redirecionada a partir de 1922, ano do lançamento de *Nosferatu, eine Symphonie des Grauens* (*Nosferatu, uma Sinfonia de Horror*), dirigido pelo cineasta alemão Friedrich Wilhelm Murnau (1889-1931). Esta obra, uma adaptação do livro de Stoker não autorizada pela família do escritor irlandês, sofreu consideráveis alterações além do título. Segundo Melton (1995, p.53), Drácula foi transformado em Graf Orlok, “uma figura monstruosa, com traços exagerados – careca e com as unhas das mãos longas feito garras”. Em 1931, o ator húngaro Bela Blasko (1882-1956), mais conhecido como Bela Lugosi, imortalizou Drácula, representando-o no filme de mesmo nome. Dirigida por Tod Browning (1882-1962), esta obra, conforme Melton (1995, p.69), pode ser considerada o primeiro filme sobre Drácula, já que “poucas pessoas tinham visto o banido *Nosferatu* ou qualquer outra tentativa de adaptação europeia menos conhecida”.

Outros filmes importantes são aqueles em que atuou Christopher Lee (1922-), o ator que mais vezes representou Drácula no cinema. Merecem destaque, ainda, os atores Udo Kier, que atuou no filme produzido por Andy Warhol, *Blood for Dracula* (1973), Frank Langella (1940-), por seu trabalho em *Drácula* (1979), entendido por McNally e Florescu (1995, p.287) “como o mais lascivo filme de Drácula de todos os tempos (...)”, Jack Palance (1928-), Klaus Kinski, pelo brilhante desempenho em *Nosferatu, o Vampiro da Noite* (1979), uma versão do filme dirigido por Murnau e Gary Oldmann (1958-), estrela do filme dirigido por Coppola (*Bram Stoker's Dracula*), entre outros.

Apesar da enormidade de filmes sobre Drácula, é difícil encontrar algum que aborde a questão da origem do vampiro, de forma a dar sentido para a sua condição de “morto-vivo”. O filme dirigido pelo cineasta norte-americano Francis Ford Coppola pode ser considerado uma exceção. Drácula é apresentado, inicialmente, como um cruzado em luta contra os turcos muçulmanos, invasores de Constantinopla, no ano de 1492 d.C. Vencedor, o príncipe cristão Draculea (um dos tantos nomes pelo qual Drácula é chamado) regressa ao seu castelo e se depara com a morte da esposa. Elisabeta recebera uma carta dos turcos, pela qual foi informada da morte – falsa – de seu marido. Desesperada, ela comete suicídio, o que representa a perdição de sua alma. Sentindo-se traído, Draculea renuncia a Deus, afirmando: “Levantarei da minha própria morte para vingar a morte dela, com todos os poderes das trevas!” Após, ele crava sua espada numa enorme cruz, localizada na capela do castelo, da qual imediatamente começa a jorrar sangue. O príncipe recolhe parte deste sangue numa taça e bebe-o, gritando: “O sangue é a vida. E ele será meu”. De repente, um vento forte invade a capela e

Draculea é possuído pelas trevas, sendo transformado em vampiro. A partir daí, o filme passa a se desenvolver no século XIX, em Londres, curiosamente, no ano em que Stoker publicou *Dracula*. A exemplo do livro, o filme é estruturado, em grande parte, em diários. De acordo com Melton (1995, p.139-140), “o roteiro (...) não somente se calcou no romance de Bram Stoker, mas também na intensa pesquisa do Drácula histórico, o príncipe romeno do século XV, Vlad, o Empalador, realizado pelos historiadores Raymond T. McNally e Radu Florescu”.

Há um premiado filme pornográfico, inspirado na obra conduzida por Coppola, que merece menção: *Dracula* (s.d.). Dirigido por Mario Salieri, este filme apresenta o conde-vampiro em igual conflito com sua fé, o que o leva a vivenciar constantes experiências sexuais. O filme *Drácula: morto mas feliz* (1996), dirigido por Mel Brooks e estrelado por Leslie Nielsen, é outro que merece consideração por se tratar de uma competente e divertida paródia⁴ de outros filmes, em especial de *Dracula* (1931) e de *Bram Stoker's Dracula* (1992).

Existem alguns documentários (audiovisuais) sobre vampiros e sobre Drácula. Entre estes, destacam-se: *Count Dracula: The True Story* (produzido no Canadá, para a televisão, em 1979), *Vincent Price's Dracula* (produzido na Grã-Bretanha, em 1982, baseado em entrevistas com o ator Vincent Price), *Dracula: fact or fiction?* (elaborado em 1992, conta a presença dos então presidentes da Count Dracula Society, de Los Angeles e da Dracula Society, de Nova Iorque), *100 anos de horror: vampiros* (exibido no Brasil, em 1999, pelo GNT, um canal de televisão a cabo) e *100 anos de horror: Drácula* (também exibido no Brasil, em 1999, pelo GNT).

Em 1992, foi lançado, nos Estados Unidos, o filme *Buffy, a caça-vampiros* (*Buffy the vampire slayer*), dirigido por Fran Rubel Kuzui. Esta obra deu origem a um seriado televisivo, exibido, entre outros países, no Brasil. Buffy transformou-se em objeto de estudo filosófico. O professor William Irwin organizou um interessante livro sobre os múltiplos significados do filme/seriado. Foram abordadas, por alguns dos autores da obra *Buffy, a caça-vampiros e a filosofia* (2004), questões como a da feminilidade – ou feminismo – e da violência, numa perspectiva ética, por exemplo.

A pantera cor-de-rosa também enfrentou um vampiro. No desenho *Pink Plasma*, o felino rosa se hospeda numa estranha casa, cujo dono não é ninguém menos do que o Conde Drácula! A família Adams, tanto no seriado televisivo norte-americano

4 Segundo Bakhtin (In: SANT'ANNA, 1985, p.14), “(...) com a paródia é diferente. Aqui também, como na estilização, o autor fala de um outro; mas em oposição à estilização, se introduz naquela outra fala uma intenção que se opõe diretamente à original”.

quanto no desenho – e, posteriormente, no cinema, com as célebres atuações de Raul Julia e Angélica Huston, no início da década de 90 do século passado – também utiliza uma espécie de “estética do vampiro”, pois a personagem Morticia Addams, por exemplo, matriarca da família, se parece muito com a Condessa Marya Zaleska, a filha de Drácula, personagem criada no filme *Draculas's Daughter* (1936), um clássico do gênero.

O camundongo Mickey, ícone das indústrias Disney, aparece fantasiado de vampiro na produção nacionalmente conhecida como *Os vilões*, a qual foi lançada nos formatos VHS e DVD. Inúmeros desenhos animados abordam a figura não só do vampiro, mas dos monstros em geral. Dessa forma, estes seres imaginários nos acompanham desde a infância, ora nos assustando, ora nos divertindo. Merecem destaque, ainda, duas produções em forma de vídeo: o desenho *O vampiro* (1999), incluído na *Coleção Clássicos Turma da Mônica* e o desenho *Drácula, o vampiro chupador*, de cunho pornográfico, o qual é parte integrante da revista *HQBRAZIL*, proibida para menores de 18 anos.

Recentemente, foi lançada no Brasil a coleção intitulada *Dark Side DVD: Vampiros Collection*, composta por cinco filmes clássicos sobre vampiros: *Drácula, o príncipe das trevas* (1965), *O conde Drácula (Scars of Dracula, 1970)*, *Luxúria de vampiros* (1970), *Carmila: a vampira de Karnstein* e *Os ritos satânicos de Drácula* (1973). Acompanham os DVDs revistas – ou informativos – sobre as produções em pauta.

A mais conhecida caracterização do vampiro – vestido formalmente com black-tie e elegante capa – veio da necessidade de os produtores de cinema e teatro explicar a música. Os cineastas achavam que a platéia não entenderia o raciocínio da música, a menos que eles mostrassem ou fizessem uma alusão à sua origem. Portanto, quando Tod Browning fez Dracula (1931), O Lago dos Cisnes foi estabelecido como a música-tema quando Drácula e diversos outros personagens passavam a noite assistindo a um balé (Melton, 1995, p.548)

Os vampiros musicais

Muitos filmes sobre vampiros têm como destaque sua trilha sonora. É o caso de *Dracula* (1979), dirigido por John Badham, que, apesar das duras críticas recebidas, teve a música, composta por John Williams, considerada como uma das melhores de 1979, conforme Hevin Mulhall.⁵ A música, composta ou não especialmente para o cinema, é certamente um dos maiores canais de expressão sobre os vampiros. De acordo com Melton (1995, p.541), “mais de cem músicas de vampiro já apareceram

5 Informação obtida no CD do filme.

no cenário musical contemporâneo das últimas décadas, abrangendo desde o superlativo até o execrável”. Sobre trilhas sonoras, em geral, é possível afirmar que, segundo Turner (1997, p.63), “causa surpresa a pouca atenção que se dá ao papel do som no cinema”. Isso ocorre, em termos, pela pouca ou nenhuma formação de muitos dos críticos de cinema na área da música. Justifica-se o preterimento dessa em relação à imagem, no cinema, também por causa do desconhecimento geral do grande público – e até de alguns cineastas – sobre as várias funções da música nos filmes. De acordo com Tygel (s.d.), “a música é o único setor da produção de um filme sobre o qual o diretor não tem qualquer controle. Ele pode produzir, escrever o roteiro, fotografar, mas geralmente não compõe uma nota sequer”. Com a palavra, os diretores cinematográficos.

Em se tratando de filmes sobre vampiros, pode-se afirmar que está ocorrendo uma progressiva mudança quanto à composição da trilha sonora. É comum, atualmente, nos Estados Unidos, que os compositores se dediquem a musicar, além de determinadas seqüências tidas como vitais para o filme, personagens outras que não só os vampiros. A trilha sonora de *Bram Stoker Dracula* (1992), por exemplo, composta por Wojciech Kilar, faz referência aos caçadores de Drácula, por meio de duas canções: *Vampire Hunter's* e *The Hunters Prelude*.

O clássico *Dracula* (1931), estrelado por Bela Lugosi, recebeu uma nova trilha sonora em 1999, composta por Phillip Glass e interpretada pelo Kronos Quartet. O resultado pode ser conferido no CD do filme e também no recém-lançado DVD (a versão que contém as novas canções está localizada nos chamados “Extras”).

Um CD que não poderia deixar de ser aqui registrado trata-se de uma coletânea (*Hammer: The Studio that dripped blood!*, 2002) de canções compostas para filmes dos estúdios Hammer, principal produtora cinematográfica no gênero do terror em todos os tempos. Segundo Melton (1995, p353), “com base na resposta do público aos filmes de horror, a Hammer se tornou a empresa cinematográfica britânica mais bem sucedida na geração pós Segunda Guerra Mundial”. Sua importância está diretamente ligada à retomada da figura dos vampiros e de outros monstros, como a múmia e o lobisomem, por exemplo.

Em termos conceituais, Melton (1995) constrói um sistema classificatório para melhor compreender as canções sobre vampiros. Para o autor, existem “músicas vampíricas com letras óbvias”; “músicas vampíricas com letras evasivas”; “músicas alegadamente vampíricas”; “músicas que mencionam vampiros” e as “músicas de vampiro de trilhas sonoras”, entre outras categorias. No Brasil, provavelmente a música mais conhecida que aborda, de alguma forma, a figura dos “mortos-vivos” seja o clássico *Doce vampiro* (1979), da compositora e cantora Rita Lee.

Os compositores Beto Herrmann e Matheus Herrmann, voltados para o público infantil, escreveram *Transilvânia*, canção gravada por Beto no CD “Oficininha” (1999), bastante divulgado em Porto Alegre e produzido pela “Interação: Projetos Culturais e Pedagógicos”.

Ah! Você está aí, sobrinho desmiolado! Onde se meteu o Patrúcula?

Donald conta o que aconteceu...

... E depois que ele me mordeu, foi se desintegrando até sumir!

Já sei o que houve!

O alto teor de alho que a pele da mão do tio Donald tem, intoxicou o Patrúcula!

O alho é veneno pros vampiros e o Patrúcula se dissolveu por isso”.

(Tio Patinhas e Donald: o Conde Patrúcula. In: Almanaque Disney, 1986, p.27-28)

Brincando de vampiro

Atualmente, existem no mercado de Porto Alegre, sobretudo nas chamadas lojas populares (mais conhecidas como “1,99”), inúmeros objetos referentes ao universo dos vampiros. Chaveiros, máscaras, cadernos, morcegos de plástico e outros produtos são ofertados para um público diversificado, inclusive crianças. Adquiri, no início do ano, numa destas lojas, o jogo *O castelo de Drácula*, produzido pela UAU Brinquedos. O jogo é composto por um dado, seis jogadores e seis reservas, além de um castelo, duas torres e um tabuleiro. A empresa responsável por sua fabricação informa na embalagem que o produto em questão é destinado para pessoas com “idade a partir de 4 anos”. Comprei, em outra loja do ramo, um segundo jogo denominado *A mordida do vampiro*, indicado para maiores de seis anos. O jogo contém seis bonecos de plástico que deverão percorrer um tabuleiro que representa a casa de um vampiro. A fábrica responsável chama-se Big Boy. Existem também quebra-cabeças de “terror” (é preciso montar vampiros e lobisomens) e até revistas para colorir monstros!

A figura dos monstros tem sido bastante utilizada em Porto Alegre, por conta da campanha organizada por uma empresa de comunicação local – a Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS) – em prol do cuidado com as crianças. “O amor é a melhor herança. Cuide das crianças” é a máxima da empresa. Sucesso absoluto na capital gaúcha, a ponto de circular em camisetas e em adesivos para carros, a campanha reafirma a observação de Del Priore (2000) a respeito da familiarização de tais figuras no mundo contemporâneo. Bruxas, bichos-papões, lobisomens e outros monstros assumem, por assim dizer, uma

função “pedagógica”. Seria uma tentativa de abordarmos os nossos monstros interiores?

*Adoto o verso longo
pro longo abraço da vida
endosso o verso curto
pra apertar a ferida
podo as unhas curtas
pra melhor escrever
deixo os caninos crescerem
pra poder sobreviver”*
(Cassas, 2002, p.33)

Os jovens vampiros

A discussão sobre a existência ou não de vampiros, ao longo da História, expressa o imaginário do homem sobre temáticas como a da morte. A vida além-túmulo, própria dos vampiros, representa, também, a curiosidade humana no que se refere ao sobrenatural, ao mundo mágico. Boa parte dos seres que mediam o “real” e o “não-real” são representados pela figura dos monstros. A presença cada vez maior destes no mundo contemporâneo - lapidada ou não pelas diferentes mídias -, pode indicar, segundo Del Priore (2000), a fragmentação ou a fragilização das ideologias da racionalidade e do progresso. Afinal, como acreditar em monstros em pleno século XXI? Alguns jovens norte-americanos, no entanto, em meados da década de 90 do século passado, desafiaram os paradigmas da razão, ao se auto-intitular “vampiros”, ousadia esta que culminou com o assassinato de duas pessoas e com a condenação de outra à pena de morte. Entende-se aqui o vampiro como parte do imaginário sobre os monstros.

O documentário *Jovens vampiros* (1998), dirigido por Mark James e exibido no Brasil, em 2000, pelo canal de televisão a cabo People + Arts (NET), registra a história dos chamados vampiros modernos, suas lógicas e sua contribuição para a permanência do mito do vampiro nos dias atuais, em especial no Ocidente. O referido material aborda a história de um grupo de jovens norte-americanos, residente na cidade de Murray, no estado de Kentucky, nos Estados Unidos, em meados da década de 90 do século passado. Após uma série de rituais de iniciação e de passagem, eles se auto-intitularam “vampiros”. Jaden, tido como o pai do grupo, afirma ser o vampiro um ser superior ao homem, mais evoluído e elevado, uma “raça à parte”. Entre os rituais, tem-se a troca de sangue entre os integrantes do grupo, após sessões de cortes feitos com facas. A aceitação de Rod, o vampiro mais polêmico de todos no grupo, por exemplo, foi realizada num velho cemitério da cidade, após três cortes no corpo. O sangue escorrido é bebido pelo iniciado e pelo líder. De acor-

do com Jaden, o “pai” dos vampiros abordados no documentário, beber sangue os torna imortais. O gosto do sangue, de acordo com Jaden, reflete o nível de estresse do vampiro. O seu, por exemplo, lembrava o “gosto de terra, de metal”. Completam o grupo dos vampiros os jovens Gabriel, Angélique e Raeven.

Durante o ano de 1996, no entanto, as relações entre Rod e Jaden tornaram-se bastante tensas, a ponto de Jaden ter sido ameaçado de morte por seu “filho” Rod. Expulso do grupo, Rod envolveu-se em muitas confusões, antes de formar uma nova organização de vampiros. Ele, junto com outros jovens, invadiu o abrigo de animais do município, matando cães e bebendo seu sangue. Após algumas semanas, apresentou-se numa delegacia local, o que, segundo Rod, reforçou a imagem “satânica” que a cidade fazia dele. Questionado sobre os motivos que o levavam a cometer tais atos, Rod afirmou que escolhera o “caminho do mal, o lado mais sinistro do vampirismo”. Jaden, por sua vez, observa ser Rod um vampiro imaturo.

A casa dos jovens vampiros é predominantemente preta e vermelha, repleta de imagens de diabos, velas e livros sobre satanismo, bruxaria e, claro, vampirismo. O sonho de Jaden é ter um castelo, para acolher mais jovens interessados naquele estilo de vida. O “pai” dos vampiros afirma ser o vampirismo uma organização familiar, em que todos devem cuidar de todos e a sexualidade é latente, mais desenvolvida do que nos humanos. Percebe-se, de certa forma, uma ética do vampiro.

Os vampiros mutilam-se constantemente. O objetivo de tal prática é descarregar adrenalina, em busca de prazer ou alívio da dor da alma. Em várias passagens do documentário, são mostrados os braços dos vampiros, repletos de cicatrizes. As roupas pretas, bem como as unhas pintadas desta cor, completam a estética do vampiro.

O comportamento do grupo começou a ser discutido em vários espaços religiosos. Segundo o documentário, Murray é uma cidade devota, existindo uma igreja para cada 300 habitantes. Um membro da população local afirma que o vampirismo só existe na cidade, porque esta é basicamente cristã, ou seja, opera, na sua visão, com a lógica do bem e do mal, sendo o vampiro, obviamente, a figura maléfica desta história.

Cada vez mais rechaçados, os jovens vampiros começaram a idealizar uma mudança de cidade ou mesmo de estado. O isolamento do grupo tornou-se definitivo, quando do envolvimento de Rod no assassinato de duas pessoas, pais de um membro (uma garota) do novo grupo de vampiros organizado pelo ex-filho de Jaden.

Em novembro de 1996, Rod confessou ter ingerido o “ácido da libélula dourada” antes de invadir a casa dos pais de sua amiga vampira. Surpreendidas, as vítimas acabaram sendo brutalmente assassinadas. O vídeo feito pela polícia de Murray mostra

o terrível estado em que ficaram os corpos. Rod afirmou não haver motivo para matar o casal, ato que fere, conforme Jaden, a ética dos vampiros, pois para esses a vida é sagrada. Os quatro jovens envolvidos no crime foram condenados pela Justiça, tendo Rod recebido a pena capital (cadeira elétrica). O documentário mostra Rod no presídio (Florida State Prison), aguardando a morte. Sua mãe observa que Rod era um jovem tranqüilo, um tanto carente em relação ao seu pai, já que ela era separada.

Após a condenação de Rod, o restante dos vampiros parte de Murray, com destino a Los Angeles, em busca de emprego e da companhia de amigos góticos dos grandes centros urbanos.

Agora o Castelo de Drácula parecia emergir do fundo de um céu ensangüentado, e cada pedra de suas muralhas decadentes estava sendo esquadrihada pelos afogueados raios do sol poente.

(Do Diário de Mina Harker. Parte integrante de Drácula, de Bram Stoker, 1997, p. 585)

Considerações finais

Pergunta-se: o que é, afinal, o vampirismo? Um movimento anti-religioso? Uma prática em busca do auto-aperfeiçoamento? Loucura? Alienação? Não existe, na verdade, um consenso sobre tal conceito, mas muitos pesquisadores desta temática afirmam que é crescente o número de grupos que se organizam para estudar – e praticar - o vampirismo, em diferentes regiões do mundo. O fato de os “vampiros” serem cada vez mais jovens pode ser explicado pelo papel da indústria cultural, em especial do cinema, grande divulgador da figura do vampiro – e de outros monstros - desde o final do século XIX. Segundo Del Priore (2000, p.12), “a cultura contemporânea acabou por torná-los familiares, trazendo-os para nosso cotidiano e privacidade”. Esta familiarização (ou comercialização) gerou a criação, inclusive, da chamada “Draculândia”, um parque temático de diversões, localizado na Europa Oriental, além das diferentes produções sobre vampiros – livros, CDs, brinquedos e outros bens culturais – anteriormente mencionadas.

Outro aspecto importante a ser considerado é que o vampirismo afirma-se por meio de sistemáticas negações do cristianismo, pois seus adeptos não aprovam os símbolos cristãos – nem católicos. Esta situação, no entanto, não permite formular nenhum conceito sobre o que é vampirismo. O máximo que se pode fazer é acompanhar os diferentes rituais que envolvem esta crença e aproximá-los entre si. As práticas desenvolvidas pelos vampiros de Murray, por exemplo, são parecidas com outras relatadas por historiadores e estudiosos do tema. O ato de beber sangue, as mutilações, as trocas sexuais e a aversão ao

cristianismo, assim, configuram-se como fatores pretensamente “universais” no mundo dos vampiros.

Outra possibilidade de abordar o vampirismo refere-se aos estudos sobre a magia. Conforme Ribeiro Júnior (1985, p.20), “a práxis mágica é um modo de agir que tem por objetivo alterar a natureza de maneira específica, a fim de satisfazer o desejo humano de dominação”. O vampiro – e isso vale para aqueles abordados no documentário – busca, primeiramente, o controle de seus sentidos. Após, busca desenvolver a habilidade de interferir ou influenciar a vida alheia, por meio de leitura da mente do “outro”, por exemplo. A troca de sangue, nesse sentido, representa exatamente o estar no “outro”, dentro de seu corpo e de sua alma.

É possível associar o vampirismo a uma modalidade mágica conhecida por “Magia Natural”. De acordo com Ribeiro Júnior (1985, p.22), essa ocupa-se em estudar “os fenômenos paranormais, ocultos, do organismo humano e a maneira de obtê-los e reproduzi-los nos limites do organismo”. Essa modalidade, para o referido autor (1985, p.22), “encontra sua essência na potência do próprio homem”. Não é possível, no entanto, afirmar que o vampirismo é, definitivamente, magia. Ambos os termos são complexos e envolvem a compreensão de diferentes práticas e lógicas de funcionamento.

Fica a impressão, assim, de que o vampirismo é uma crença antiga, resgatada, em especial no Ocidente, por meio da indústria cultural. Sua simbologia principal é mantida, apesar dos riscos atuais do contato com o sangue humano (a questão da AIDS, por exemplo).

Mágicos ou não, religiosos ou anti-religiosos, os vampiros modernos representam o esforço, talvez não muito consciente, de manter viva uma tradição, uma forma sempre marginal de pensar a vida, de se colocar diante da existência.

Bibliografia

AIDAR, J. Luiz; MACIEL, Márcia. *O que é vampiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

ALLEN, Woody. Conde Drácula. In: *Cuca fundida*. 8. ed. L&PM Editores, s.d. p. 105-111.

ALMANAQUE DISNEY. Editora Abril. n. 182, 23 jul. 1986.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da obra de Dostoiévski. In: SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

CASSAS, Luis Augusto. O vampiro da praia grande (2). In: *O vampiro da praia grande: poemas*. Rio de Janeiro: Imago, 2002. p.33.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

- CONTOS DO VAMPIRO. Anônimo. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- COSTA, Flávio Moreira da (org.). *13 melhores contos de vampiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 105-40.
- DRÁCULA. Bloch Editores, n. 11, 1982. Série Capitão Mistério.
- Drácula de Bram Stoker*. Adaptação de Laura Bacellar. São Paulo: Scipione, 2003. Série Reencontro Literatura.
- Drácula de Bram Stoker*. Adaptação de Anna Claudia Ramos. São Paulo: Scipione, 2004. Série Reencontro Infantil.
- DRÁCULA versus HERÓIS MARVEL. Editora Abril Jovem. n. 2.
- ESTANISLAU, Lídia Avelar. Drácula, de Bram Stoker. In: GUIMARÃES, Euclides. (et al). *Os deuses e os monstros*. Belo Horizonte: Autêntica; PUC Minas, 2001. p.47-69.
- GOÉS, L. Pimental. Dráuzio. 9. ed. São Paulo: Paulus, 1984. Coleção Ponto de Encontro.
- HARTSHORN, Jennifer (et al). *Vampiro: a idade das trevas: um RPG de horror gótico*. São Paulo: Devir, 1998.
- IRWIN, William (org). *Buffy: a caça-vampiros e a filosofia*. São Paulo: Madras, 2004.
- JAF, Ivan. *O vampiro que descobriu o Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- MACEDO, Carmen Cinira. *Imagens do eterno: religiões no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1991. Coleção Polêmica.
- McNALLY, R; FLORESCU, Radu. *Em busca de Drácula e outros vampiros*. São Paulo: Mercuryo, 1995.
- MELTON, J. Gordon. *O livro dos vampiros: a enciclopédia dos mortos-vivos*. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MIGUEL, Salim. Cinema: uma mitologia induzida. In: SCHULER, D; GOETTMS, M. Barcellos (org.). *Mito: ontem e hoje*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1990. p. 183-194.
- NORONHA, Marcelo Pizarro. Entre a vida e a morte: o amor no universo dos vampiros. In: MENEZES, Magali Mendes de (org.). *Amor em Transe-to*. Novo Hamburgo: Ed. Feevale, 2002. p.81-93.
- REVISTA RECREIO. Editora Abril, ano 5, n. 235, 9 set. 2004
- RIBEIRO Júnior, João. *O que é magia*. São Paulo: Abril Cultural; Brasilense, 1985. Coleção Primeiros Passos.
- SOMMER-BODENBURG, Ângela. *O pequeno vampiro*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- STOKER, Bram. *Drácula*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- STOKER, Bram. *Drácula*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- TELLES, C. Queiroz; PEREIRA, E. Carlos. *A vida acidentada de um vampirinho*. 9. ed. São Paulo: FTD, 1994. Coleção Draculinha.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

Documentos eletrônicos

OLIVIER, G. de Freitas; VENANCIO, Silvana. Narciso e Drácula no jogo de espelhos. FEF – Faculdade de Educação Física Unicamp. Disponível em: <http://www.unicamp.br/fef/gente/alunos/pos/nina/narciso.html>

<p>O tema deste caderno foi apresentado no IHU Idéias, dia 21 de outubro de 2004.</p>

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identiários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 – *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 – *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 – *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 – *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 – *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 – *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.
- N. 14 – *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt.
- N. 15 – *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel.
- N. 16 – *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão.
- N. 17 – *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri.

- N. 18 – *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo.
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior.
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção sociotária* – Profa. Dra. Lucilda Selli.
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio.
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rodhen.
- N.24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini.
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário.
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS. Rosa Maria Serra Bavaresco.
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes.
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof^o MS. José Fernando Dresch Kronbauer.
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz.
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf